

## **1. Preservação da identidade cultural de Macau: uma questão de sobrevivência**

A luta pela preservação da identidade cultural de Macau tem sido a missão principal do Instituto Cultural de Macau (ICM), desde a sua criação nos princípios dos anos 80, alguns anos antes da assinatura da Declaração Conjunta, em 1987, entre Portugal e a China, sobre o futuro de Macau. Desde que Macau entrou no período de transição em direcção a 1999, altura em que o poder administrativo será entregue à RPC, a preservação da identidade cultural tornou-se uma tarefa comum, com uma consciência sempre crescente entre quase todos os sectores da comunidade local. As pessoas começaram a compreender que somente através de maiores esforços na preservação e no fomento da identidade cultural de Macau seria possível sobreviver na competição regional, e cada vez maior no próximo século, sem que Macau se degrade num apêndice da vizinha cidade de Zhuhai, que se encaminha agora rapidamente para ultrapassar o território economicamente.

Não será difícil observar, depois de um estudo comparado com as cidades vizinhas da região do Delta do Rio das Pérolas, incluindo Hong Kong, que os pontos fortes de Macau, na realidade, não estão de modo algum na área da economia e da finança, mas sim na área da sua cultura, a qual é ímpar em toda a região.

E evidente que Macau é demasiadamente fraca e pequena para competir com Hong Kong como centro financeiro e comercial internacional ou com outras cidades no Delta, como centros fabris tradicionais de mão-de-obra intensiva.

Macau apenas pode competir baseando-se no seu ponto forte – um porto franco com uma longa história de mais de quatro séculos, levando um forte aroma latino para a terra chinesa, servindo como uma ponte especial entre a China e a Europa, especialmente o mundo falante latino, uma ponte cultural que pode permanecer durante muitas gerações vindouras, se for bem preservada.

O contraste entre os pontos fracos e fortes de Macau em relação aos seus vizinhos aparecerá mais fortemente na altura em que a RPC, mais cedo ou mais tarde, entrar no GATT (Acordo Geral sobre Tarifas Aduaneiras e Comércio).

Portanto, a estratégia de Macau a longo prazo deve ser: reforçar e desenvolver os seus pontos fortes e diminuir os pontos fracos nas próximas décadas. Por outras palavras, desenvolver a superioridade cultural de Macau, para compensar a sua inferioridade económica. Sem dúvida é uma questão de sobrevivência.

## 2. Qual é a identidade cultural de Macau

A identidade cultural de Macau criou-se e desenvolveu-se durante a sua própria história de mais de quatro séculos, desde a dinastia Ming, quando Macau se tornou a primeira zona económica e cultural especial da China, abrindo-se ao mundo exterior, tornando-se uma porta importante para este grande império fechado, não só para o comércio mas também para o intercâmbio cultural.

O principal papel de Macau na história ficou conhecido como sendo uma base importante da «Rota da Seda Marítima», depois de Marco Polo ter descoberto a China através da «Rota da Seda Terrestre». Nos séculos XVI e XVII, os grandes descobrimentos do Oriente e a grande expansão do comércio marítimo, que ligaram a Europa-China com o Sudeste Asiático, o Japão e a América Latina, virtualmente através de Macau, tinham trazido consigo a expansão do intercâmbio cultural.

Foram os Jesuítas que conseguiram o maior êxito, nomeadamente Matheus Ricci, Tomás Pereira, Nicolaus Trigault, Adam Schall von Bell, Ferdinand Verbiest, Joseph Castiglione e muitos outros, após o estudo da língua e dos costumes chineses, bem como das ciências naturais e humanísticas (no Colégio de S. Paulo de Macau, a primeira Universidade de tipo ocidental no Oriente), juntamente com os seus colegas chineses, nomeadamente Xu Guang-Qi, Li Zi-Chao, Mei Wen-Ting, He Guo-Dong e muitos outros intelectuais.

Por um lado, tiveram êxito na introdução da ciência e da tecnologia ocidental, tal como astronomia, matemática, feitura de calendários, medicina, física, arquitectura, armamento, linguística, filosofia, música, belas-artes, etc., na China, também no Japão e em outros países da região.

Por outro lado, traduziram e introduziram o melhor da civilização chinesa no Ocidente, nomeadamente as reflexões filosóficas de harmonia entre a ordem moral e natural, «o povo como fundamento do Estado», a importância da agricultura como base da economia da nação (fisiocratismo), o sistema de exame aberto e independente na selecção dos melhores funcionários, o conhecimento acerca da medicina chinesa e das plantas medicinais, a cultura do chá, a arte da manufactura da porcelana e de artigos de laca, a arquitectura e a pintura chinesas, etc.

Esta infindável lista de intercâmbio cultural, iniciada pelos Jesuítas através de Macau, teve um formidável impacto social no Oriente e no Ocidente. Por um lado, trouxe um movimento iluminista para o Ocidente, resultando na revolução em França, na Alemanha e na Itália, promovendo a revolução industrial e criando um novo estilo de arte, o estilo Rococó, uma combinação entre Oriente e Ocidente.

Por outro lado, os pensadores mais progressistas na China, como Hung Siu-Chuan, chefe do movimento camponês Taiping que apoiava as ideias da Cristandade; Lin Ze-Xu, o herói que combateu o tráfico de ópio na China; Wei Yuan, um activista do movimento de resistência da China; os

reformadores constitucionais monárquicos Kan Yu-Wei e Liang Chi-Chao; Zhen Guan-Ying, o promotor do comércio moderno, e o último mas não o menos importante, o Dr. Sun Yat Sen, o fundador da república chinesa, todos eles tiveram acesso aos estudos avançados ocidentais que se infiltraram neste império fechado através de Macau, e em muitos casos com a ajuda dos missionários. Depois de terem digerido este «alimento mental» estrangeiro, os pioneiros chineses formularam ideias para reformar a sociedade chinesa. Como consequência, a cultura chinesa, que tinha sido bastante monolítica durante séculos, iniciou um desenvolvimento pluralístico, promovendo o progresso da ciência, da tecnologia e da economia, embora não tão rapidamente como o Japão.

O Colégio de S. Paulo de Macau, cujo quadracentésimo aniversário comemoramos este ano, desempenhou um papel extraordinário no fluxo recíproco de cultura, um papel que Macau tem conservado até ao presente, embora o tenha perdido como primeiro entreposto comercial depois de Hong Kong o ter assumido e da abertura de outros postos na China ao comércio exterior.

Foi o espírito do Colégio de S. Paulo que o povo de Macau herdou e desenvolveu, mantendo Macau como uma ponte de cultura durante os passados séculos, e esperando mantê-la durante as gerações vindouras. E deste espírito e destas proezas que a população de Macau está orgulhosa e que continua a acarinhar. E por isso que a fachada de S. Paulo, que foi conservada e renovada após muitos incêndios, se tornou o símbolo da cidade, um símbolo que felizmente permanecerá para sempre.

Como consequência do crescente intercâmbio cultural, Macau criou uma forte identidade multicultural baseada na sua população chinesa e portuguesa. Podemos descobrir facilmente a sua expressão pluralista na sua etnicidade, religião, línguas, leis, arquitectura, educação, costumes, arte culinária, etc., que a tornam única na China e em toda a região da Ásia-Pacífico.

Esta rica herança cultural tem permanecido intacta, graças ao estatuto especial de Macau na história, impedindo que fosse destruída pelas guerras mundiais e pelas guerras civis bem como pelos movimentos extremistas na história da China como o dos Boxers e o dos Guardas Vermelhos.

Podemos observar uma série de templos quer Taoístas quer Budistas, bem como a lendária adoração de Ah Ma, a deusa do mar, e o herói popular, Kwan Kung, e ainda os centros religiosos da mesquita islâmica e de Baha'i, permanecendo lado a lado com as igrejas católicas e protestantes com as suas instituições e grande influência social sobre um grande número de adoradores e seguidores nas comunidades macaense, chinesa e portuguesa. Ao contrário do que acontece noutras regiões do mundo, estas religiões e crenças têm coexistido pacificamente durante séculos em Macau, sem criar conflitos nem matanças. Pelo contrário, existe uma tradição de tolerância e respeito mútuo entre a população, aprendendo uns com os outros para benefício de todos. O mesmo cidadão pode participar nas

Procissões de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora de Fátima, e igualmente estar presente nas festividades das celebrações do aniversário da deusa Ah Ma. O Bispo e o Monge-chefe costumam aparecer juntos nas cerimónias, dando as suas bênçãos às grandes construções como a nova ponte e o aeroporto.

O processo da coexistência até à interpenetração tem sido vivamente expresso na etnicidade e nas «culturas mistas» dos macaenses, que se formaram ao longo de muitas gerações e que desempenha um importante papel na administração de Macau. Mesmo entre a população apenas de etnia chinesa, as pessoas estão acostumadas a adoptar costumes biculturais, como no casamento, celebrando cerimónias de bênção na igreja, e dando banquetes tradicionais ao estilo chinês no mesmo dia. As festividades tradicionais portuguesas e chinesas têm sido legalizadas como feriados nacionais, provendo Macau com mais feriados nacionais do que as cidades vizinhas. O Natal e o Ano Novo chinês são celebrados com o mesmo zelo e alegria por toda a comunidade.

As características multiculturais manifestam-se igualmente na educação, na língua e na culinária, muito peculiares quando comparadas com as de outras regiões.

E fisicamente expresso na arquitectura da cidade um estilo latino distinto, associado a um estilo tradicional chinês. Este património arquitectónico, desde as igrejas, templos, fortalezas e torres, edifícios e lojas, jardins e cemitérios até às praças e avenidas, ocupando uma grande parte da área habitacional de Macau, tornou-se uma herança cultural sem paralelo, preservada por uma legislação rigorosa, a cargo de um departamento especial do ICM, impedindo-se a sua destruição pela comercialização desenfreada e pela ganância do lucro nos bens imobiliários. Este património está igualmente protegido pela Declaração Conjunta e pela Lei Básica sob atenção especial das Nações Unidas.

Todas as características de Macau acima citadas são em si mesmas um museu vivo, um vasto tesouro de civilização humana, que está ainda à espera de ser mais explorado, sistematizado e desenvolvido, fazendo dele uma forte base para o turismo cultural, além de jogo.

Esta rica herança cultural tem sido ainda reforçada pela cultura política, administrativa e jurídica de Macau, especialmente depois da revolução portuguesa de 1974, e que a Declaração Conjunta prometeu preservar depois de 1999, tendo sido confirmada igualmente pela Lei Básica. A questão é como preservar a identidade cultural de Macau, e se há condições e possibilidades para o fazer.

### **3. Formas de preservar a identidade de Macau**

Há muitas maneiras de o fazer, tal como já foi referido pelas comunidades portuguesa e chinesa, em conjunto ou separadamente.

O problema de preservar a cultura política, administrativa e jurídica de Macau, é uma questão básica relacionada com a localização dos serviços públicos e do sistema jurídico, presentemente a ser tratada pela Administração de Macau com muita atenção e cuidado, e sendo discutida frequentemente como um problema principal do período de transição pelo Grupo de Ligação Conjunto Luso-Chinês. Esta é uma questão diferente e especial, sobre a qual este artigo não entrará em pormenor. A estratégia de preservação da identidade cultural de Macau baseia-se no conceito de satisfazer os interesses da China, Macau e Portugal a longo prazo, além de 1999, na maneira de usar, desenvolver e reforçar as condições existentes de Macau como uma ponte especial entre a China e a Europa, especialmente os países de língua latina. As condições actualmente favoráveis são: um porto franco e aberto situado na região mais prometedora e de rápido crescimento do Delta do Rio das Pérolas, com um forte aroma multicultural e latino, ligada estreitamente à RPC através de laços económicos e diplomáticos suaves e em expansão, e que também está estreitamente ligada à Europa por um acordo multifacetado entre Macau e a União Europeia.

Uma vez que a China reabriu ao mundo desde 1978, Macau tornou-se a segunda «janela», logo depois de Hong Kong, na canalização de fundos, de tecnologia, de informação e de qualidade de gestão para as Zonas Económicas Especiais, para o Delta do Rio das Pérolas e para o resto do país.

O resultado desta abertura foi uma afluência de investimento de Hong Kong, de Taiwan, do Japão, e dos países de expressão inglesa, bem como uma grande expansão comercial com estes. A percentagem de investimento e de comércio com a Europa e os países latinos foi, todavia, muito baixa e deficiente.

A China tem sofrido deste desequilíbrio desde que os Americanos e os Ingleses pressionaram ao usar as questões dos direitos humanos e jogando o trunfo de Hong Kong. Já é tempo para a China aumentar os seus contactos com a Europa e os países de expressão latina.

E neste contexto que Macau pode desempenhar um papel mais importante providenciando uma ponte natural e especial para a China alargar e reforçar os seus contactos com a Europa e o mundo latino. Para isto, Macau tem que reforçar a sua própria posição como uma ponte, desenvolvendo a sua própria identidade cultural, de acordo com as seguintes ideias e sugestões:

### **3.1. Intensificar os estudos e a pesquisa**

É uma vergonha para a população de Macau não reconhecer a sua própria identidade cultural, devido à falta de estudos locais e de educação cívica. Ela foi negligenciada, no passado, quer pelas autoridades portuguesas quer chinesas. Ninguém cuidou do destino deste pequeno enclave, levado

pelo fluxo e refluxo de imigrantes que realmente não lançaram raízes profundas no território.

Mesmo depois de uma universidade (a anterior Universidade da Ásia Oriental) ter sido fundada nos princípios dos anos 80, nunca se prestou muita atenção à investigação local e à educação cívica.

À medida que o período de transição para 1999 encurta, os políticos, os intelectuais e os pedagogos estão a ficar mais conscientes da seriedade do problema e da urgência em resolvê-lo.

Uma faculdade de Direito, um curso de Administração Pública, outro de tradução Portuguesa-Chinesa e um Instituto de Estudos Portugueses foram criados na universidade, para enfrentar as sempre crescentes exigências da localização do serviço público e do sistema jurídico, mas sendo ainda insuficientes quer em quantidade, quer em qualidade.

E necessário criar um centro latino, em cooperação estreita com a universidade para cumprir as seguintes funções:

- montar um banco de dados moderno e global sobre Macau, coligindo, sistematizando e computadorizando o material disperso pelas bibliotecas e pelos arquivos de Macau, da China e doutras partes do mundo;
- fundar um centro de investigação, não somente sobre Macau, mas também sobre os países latinos, a sua cultura, leis e economia bem como sobre as suas relações com a China;
- criar um centro de línguas, para os estudantes desta região aprenderem Português e outras línguas latinas, bem como também para os estudantes dos países latinos aprenderem Chinês;
- criar um serviço de consulta comercial para desenvolver relações comerciais com os países latinos, usando Macau como uma ponte de ligação.

Estas quatro funções estão todas inter-relacionadas, e só poderão ser realizadas com o esforço conjunto dos sectores público e privado, dos intelectuais e homens de negócios de Macau, da China, de Portugal e doutros países latinos, e devem ser sustentadas por uma fundação sólida. A criação de um banco de dados tem sido o sonho de muitos intelectuais, considerando-a uma base sólida para levar a efeito a investigação.

A investigação sobre Macau que, no presente, tem atraído mais atenção dos intelectuais da China e de outros países, tem carácter interdisciplinar, abrangendo a história, a sociologia, a antropologia, o direito, a política, a economia, a arte, a teologia, a arquitectura, a gastronomia, etc., as quais, se forem bem desenvolvidas, podiam tornar-se um novo ramo da ciência, chamado Macaologia, e que podia dar uma descrição profunda, científica e correcta sobre a identidade de Macau no passado, no presente e no futuro. Podia servir como catalisador, não apenas na intensificação da própria educação cívica de Macau, mas também oferecer ao mundo um novo modelo, um modelo de harmonia, em contraste com o modelo de conflito, mostrando ao mundo que as diferentes raças, religiões, sistemas, etc., podiam existir lado a lado, pacificamente, aprendendo entre si e alcançando a harmonia na diversidade.

Cursos de aperfeiçoamento para os graus de mestrado e doutoramento nos vários sectores de Macaologia devem ser criados, encorajando as pessoas a obter um melhor conhecimento da identidade de Macau em relação aos seus vizinhos e aos países de expressão latina.

### **3.2. Desenvolvimento da educação cívica**

A identidade de Macau só pode ser preservada não por um pequeno número de políticos e intelectuais, mas também quando a população em geral, especialmente a geração mais nova, tiver consciência dela e estiverem prontos a defendê-la.

Foi uma pena e uma tragédia que durante muito tempo, no passado, quase nada tivesse sido feito em relação à educação cívica. A maioria dos estudantes sabia muito acerca de Hong Kong, da China ou de Portugal, mas quase nada acerca de Macau, porque não existiam livros de ensino disponíveis sobre a matéria, e os professores eram avessos a ensinar ou fazer testes sobre a história, a economia e as perspectivas do seu próprio território.

Como consequência, muitos cidadãos nunca adquiriram um sentido de pertença. Eles não se consideram como cidadãos de Macau com uma identidade transparente, e preferem ser considerados chineses ou portugueses, ao contrário de Hong Kong, onde as pessoas sentem orgulho de ser de Hong Kong.

Na verdade, uma considerável parte da população são imigrantes novos da China, os quais mantêm ainda fortes laços familiares e sociais com a China continental, preferindo reemigrar, se puderem, para outros países. Os estudantes que estudaram no exterior raramente procuraram regressar a Macau depois da formatura.

Mesmo os macaenses, que estão aqui já radicados, têm desde 1949 experimentado várias vagas de emigração fora do território e muitos estão ainda incertos acerca do seu futuro.

O fraco sentido de pertença resultou numa falta de confiança e numa falta de espírito de luta por um futuro melhor. Eles interessam-se por ganhar mais dinheiro, mas ignoram as actividades públicas, conduzindo a um baixo nível de representação nas eleições locais, e a um fraco interesse na protecção do ambiente. Conhecem mal as leis e dificilmente respeitam as normas da lei.

A educação cívica é uma responsabilidade comum do governo, das escolas, das associações cívicas e dos meios de comunicação. Felizmente, já apareceram iniciativas de diferentes sectores para melhorar a educação cívica, embora sejam muito fracas em relação aos nossos vizinhos.

Estão a ser escritos livros de ensino sobre Macau, que vai ter em breve um museu sobre a sua própria história. Mais panfletos, livros, brochuras e artigos sobre Macau têm de ser publicados e mais pinturas, fotografias, vídeos, canções e filmes sobre Macau têm de ser lançados para dar uma mais vasta e profunda educação à população acerca da sua identidade.

### **3.3. Mais investimento para a preservação das relíquias de Macau**

Foi muito positivo que Macau tivesse começado no início dos anos 70 a preservar a sua herança arquitectónica através de legislação rigorosa, classificando as relíquias e edifícios que precisavam de ser protegidos e restaurados de acordo com o seu valor histórico e cultural, limitando-se às reconstruções de certas áreas, impedindo que perdessem a sua traça original. Foi um grande contraste em relação a Hong Kong, onde quase nada foi deixado da história, substituído por um matagal de betão. Foi igualmente um grande contraste em relação à China continental onde as relíquias foram destruídas pelas guerras e pela Revolução Cultural.

A maioria das relíquias são cristalizações das culturas oriental e ocidental, como a fachada de S. Paulo, o jardim Lou Um Iok, a Rua de S. Lázaro, etc., que revelam características arquitecturais invulgares, e *que* raramente se encontram noutras partes do mundo.

É necessário mais investimento para restaurar as suas fachadas ou pelo menos impedir o seu desmoronamento. Algumas ruas ou avenidas podiam vir a ser transformadas em áreas turísticas, exclusivamente para peões, tal como o Largo do Leal Senado, restaurando deste modo a sua atmosfera original. Alguns edifícios típicos podiam ser transformados em museus.

Tem de ser feito um estudo cuidadoso para transformar uma parte da península e partes das ilhas num museu vivo, para ser usado para educar os residentes e a geração mais nova numa maneira viva acerca da sua própria herança cultural.

O aspecto pedagógico da preservação das relíquias tem de ser acentuado. Tem de ser introduzido nos currículos das escolas. As excursões para estas relíquias têm de ser mais frequentemente organizadas, e estimuladas por concursos entre os estudantes. Só se o aspecto espiritual for completamente desenvolvido é que o aspecto material poderá durar mais.

A preservação das relíquias também representa um grande valor turístico. Os visitantes de Macau não vêm apenas para jogar, mas são também atraídos pelas suas relíquias históricas, pela sua comida e por um ambiente sereno.

Portanto, é necessário construir novos monumentos e centros culturais, para educação, para informação, e para divertimento, tais como uma aldeia latina, com características dos países latinos, tanto para negócio como para divertimento, ligada com alguns episódios chineses das dinastias Ming e Ching; uma gruta artística, um túnel ou labirinto nas montanhas de Coloane para exhibir monumentos e estátuas da história de Macau; uma grande estátua da deusa Ah Ma em frente do campo de golfe, etc., que farão os visitantes permanecer pelo menos por mais um dia, e ter um melhor conhecimento da identidade cultural de Macau e gastando mais dinheiro. Estes projectos podem ser feitos com investimento privado.

Tudo isto tem o objectivo de transformar Macau de uma «sombra» de Hong Kong em termos de turismo, numa «cabeça de dragão» de turismo



na parte ocidental do Delta do Rio das Pérolas, ao desenvolver a própria identidade cultural de Macau.

As responsabilidades e a rentabilidade crescerão na altura que Macau tiver o seu aeroporto internacional em 1995 e estiver ligado, antes de 1999, com Cantão através de uma via férrea e de uma auto-estrada.

### **3.4. Promoção do bilinguismo e da internacionalização**

O Português e o Chinês são línguas oficiais de Macau antes e depois de 1999, como estipulado na Declaração Conjunta e na Lei Básica. A questão é se o uso da língua portuguesa irá decrescer ou mesmo desaparecer, a longo prazo, depois de 1999.

Na verdade, depende dos chineses, a maioria da população, e dos futuros administradores de Macau, da sua sensibilidade quanto à necessidade de preservar e alargar o uso do Português nas próximas décadas.

A necessidade resulta da preservação do sistema administrativo, legislativo e judiciário actual, o qual deve ser bilingue, se se quer manter o seu funcionamento normal e a qualidade, como exigido pela Lei Básica. Também resulta da preservação e na evolução do papel de Macau como ponte entre a China e os países de expressão latina. Mais pessoas têm de estudar melhor a língua em quantidade e qualidade, se quisermos que esta ponte realmente funcione em vários aspectos.

Por isso, é urgente treinar uma grande quantidade de professores locais que possam ensinar Português aos chineses na sua língua materna, a fim de obter melhores e mais rápidos resultados.

E também necessário treinar uma elite de bons tradutores, que possam fazer traduções para as duas línguas sem cometer erros. A má tradução pode arruinar tudo. Neste caso, a qualidade é mais importante do que a quantidade. O método para treinar tradutores tem de ser constantemente melhorado.

Devem ser concedidos incentivos materiais e espirituais aos funcionários públicos que atingiram altos níveis na sua capacidade linguística, nomeadamente aos estudantes com educação portuguesa para aprender Chinês e aos estudantes chineses para aprender Português. Neste momento, ainda faltam estes incentivos.

Os estudantes das escolas chinesas devem ser encorajados a prosseguir os seus estudos universitários em Portugal, concedendo-lhes melhores bolsas de estudo, e estudos preparatórios em Português nos últimos anos da escola secundária. Estas ligações educacionais entre Portugal e Macau devem ser mantidas após 1999.

Aos macaenses, que são os herdeiros naturais da cultura portuguesa, deve ser concedida a oportunidade de aperfeiçoar as suas capacidades linguísticas, quer em Português quer em Chinês, bem como a sua capacidade profissional, criando melhores condições para a sua estada e para competir com os seus colegas chineses após 1999. Macau não é

apenas bilingue, mas também multilingue no seu ambiente, em que o Inglês é largamente usado como língua internacional, bem como outras línguas, acompanhando a transformação de Macau numa cidade internacional aberta em termos de investimento e cultura. O Festival Internacional de Música de Macau, que entra agora no seu oitavo ano, tem ajudado a elevar a posição de Macau no mundo, como um ponto de encontro entre os músicos orientais e ocidentais. Com a modernização das infra-estruturas e das capacidades linguísticas, Macau podia ser um lugar ideal para reuniões e conferências internacionais, especialmente para os intelectuais do Oriente e do Ocidente para discussões dos problemas numa atmosfera livre e serena.

Alguns intelectuais estão a pensar criar um Clube de Macau, que convidaria académicos de alto nível, do Oriente e do Ocidente, por determinado período regular ou não, para realizar discussões livres sobre alguns dos problemas mais candentes e vitais do mundo, apresentando as suas ideias e sugestões que viriam a ser de grande utilidade para os governos e políticos de vários países.

Quanto mais alto for o grau de internacionalização, mais fácil será a preservação e defesa da sua identidade.

#### **4. Conclusão**

A luta pela preservação da identidade cultural de Macau pode trazer resultados produtivos no próximo século, se se tiver formulado um bom fundamento nos restantes cinco anos de transição.

Não é somente uma tarefa comum do governo de Macau e da sua população, mas também dos governos e povos de Portugal e da China, cujas relações de cooperação são actualmente boas, providenciando condições excelentes para muitos projectos se realizarem sem muitos obstáculos, ao contrário de Hong Kong, onde existem grandes dificuldades e obstáculos.

Não obstante, temos que correr contra o tempo para realizar as coisas mais depressa e melhor, a fim de reforçar a confiança da população de Macau para no futuro, e de modo a atingir um maior grau de autonomia depois de 1999, tal como prometido pela Declaração Conjunta e pela Lei Básica dentro do quadro de «um país dois sistemas».

Sem trabalho árduo e confiança, nada se pode alcançar, e as promessas serão apenas frases vazias no papel.